

Cartas autobiográficas de formação e profissão: experiências de um professor-pesquisador-extensionista de Educação Ambiental

Autobiographical letters of formation and profession: experiences of a teacher-researcher-extensionist of Environmental Education

Cartas autobiográficas de formación y profesión: experiencias de un profesor-investigador-extensionista de Educación Ambiental

Marco Antonio Leandro Barzano - Universidade Estadual de Feira de Santana | Departamento de Educação, Área de Prática de Ensino | Feira de Santana | BA | Brasil. E-mail: marco.barzano@gmail.com



Resumo: As cartas têm sido utilizadas como dispositivo de pesquisa no campo da Educação e, para este artigo, são apresentadas duas cartas, com a centralidade na Educação Ambiental: a primeira anuncia o passado, ou seja, a trajetória de formação e profissão de um pesquisador-extensionista de uma universidade pública baiana e que foi apresentada na sua promoção para professor pleno; a segunda é o registro para se lançar ao futuro, pois é uma carta escrita para uma criança de onze anos. A inspiração teórica e metodológica se dá a partir das narrativas (auto)biográficas, que têm possibilitado potencializar as narrativas epistolares como instrumento da produção textual e de conhecimento.

Palavras-chave: Cartas. Autobiografia. Educação ambiental.

Abstract: Letters have been used as a research device in the field of education and, for this article, two letters are presented, focusing on Environmental Education: the first one, announces the past, that is, the trajectory of formation and profession of a researcher-extensionist of a Bahia's public university and presented in his promotion to full professor; the second is the record to launch into the future, as it is a letter written to a child. The theoretical and methodological inspiration comes from the (auto) biographical narratives, which has enabled the empowerment of epistolary narratives as an instrument of textual production and knowledge.

Keywords: Letters. Autobiography. Environmental education.

Resumen: Las cartas se han utilizado como un dispositivo de investigación en el campo de la educación y, para este artículo, se presentan dos cartas, centradas en la Educación Ambiental: la primera, anuncia el pasado, es decir, la trayectoria de formación y profesión de un investigador. -extensor de una universidad pública bahiana y presentado en su ascenso a profesor titular; El segundo es el récord para lanzar al futuro, ya que es una carta escrita a un niño de once años. La inspiración teórica y metodológica proviene de las narraciones (auto) biográficas, lo que ha permitido el empoderamiento de las narraciones epistolares como instrumento de producción y conocimiento textual.

Palabras clave: Cartas. Autobiografía. Educación ambiental.

Para início de conversa antes da escrita da carta

Há algum tempo temos investido em nosso grupo de pesquisa sobre o uso de narrativas nas dissertações e teses produzidas. Nosso interesse tem sido uma ruptura com a já saturada entrevista semiestruturada que, muitas vezes, segue rigidamente um protocolo estruturado, a partir de um roteiro de perguntas. Buscamos, portanto, investir em outras possibilidades narrativas, buscando outros conhecimentos e formas de expressão, recorrendo a formas diferenciadas e enriquecidas de escritas, em uma pluralidade de conhecimentos e suas formas de expressão (OLIVEIRA, 2010).

Embalados por outros modos de criações e invenções metodológicas e inspirados em Bujes (2007) e Meyer e Paraíso (2012), foi desenvolvida uma pesquisa que teve como produção a dissertação, “*Cartas para ti: as identidades de gênero e sexualidade nas escritas-narrativas de Licenciandos(as) em Biologia*” (SILVA, 2016). O desafio para encararmos essa metodologia, até então inovadora para nossas investigações, partiu daquilo que Marlucy Paraíso (2012, p. 24) nos instiga: “inventamos modos de pesquisar a partir do nosso objeto de estudo e do problema de pesquisa que formulamos. Como estamos, permanentemente, à ‘espreita’ de uma inspiração, aceitamos experimentar, fazer bricolagens e transformar o recebido”. As cartas escritas por estudantes de Biologia (sujeitos da pesquisa) sobre gênero e sexualidade foram desestabilizadoras, algo singular de demonstração daquilo que nos ensina o cantor e compositor Caetano Veloso: “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é” (VELOSO, 1986).

Ainda no campo da Educação temos algumas produções, seja em forma de artigos, dissertações e teses, que têm sido importantes para mobilizar nossos pensamentos e promovermos novas produções, quais sejam: Silva (2018), que utiliza as cartas em uma pesquisa voltada para a educação matemática com pessoas jovens e adultas; a tese de Vilas-Boas (2017), na qual as cartas, que ela nomeou de “pedagógicas”, contribuíram como procedimento para produção de dados de sua pesquisa com licenciandos(as) do curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Feira de Santana. Marcadamente, o texto de Soligo (2005) “*Venho por meio desta...*” foi muito importante para enfrentarmos o desafio na utilização das cartas em nossas pesquisas e atividades de ensino e, mais recentemente, os textos de Ribeiro e Souza (2010); Souza (2018); Leandro e Vasconcelos (2019) e Fernandes (2019) têm sido potentes para o desenvolvimento de nossas investigações futuras.

Tendo em vista que a carta é vista como um registro de ideias, sentimentos, denúncia, apoio, memória, história, tivemos contato com artigos sobre cartas na revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica, com doze artigos publicados e livros com conteúdo de cartas escritas, trocadas, recebidas por Clarice Lispector, Jorge Amado, Saramago, Baumann, Glauber Rocha, Kafka, Moacir Gadotti, Darwin, índio Seattle, Paulo Freire, Jorge Larrosa, Antonio Nóvoa, de jovens do ensino médio (um livro produzido pela UNESCO) e, mais recentemente, um dossiê de um periódico do Instituto de Filosofia e das Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), nomeado “Cartas a Karl Marx”.

No meio acadêmico, também lidamos com cartas até hoje: cartas abertas à sociedade, de associações científicas para órgãos governamentais, cartas de apoio ou de repúdio.

Nos últimos meses, mais intensamente nos primeiros cem dias do atual governo brasileiro, várias cartas foram escritas, e queremos deixar registrado aqui, no presente artigo, sobre as cartas que o presidente Lula recebeu desde que foi preso em Curitiba, em 07 de abril de 2018. Foram mais de quinze mil cartas recebidas, as quais historiadoras e historiadores de um coletivo internacional tornaram públicas em uma exposição virtual (LINHAS DE LUTA, 2019).

Para este artigo, são apresentadas três cartas, todas elas com a centralidade na Educação Ambiental, que é uma das especialidades do autor deste artigo e que foram apresentadas na promoção para professor pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana: a primeira anuncia o passado, ou seja, a trajetória de formação e profissão de um pesquisador-extensionista de uma universidade pública baiana e que foi apresentada na sua promoção para professor pleno; a segunda é o registro para se lançar ao futuro, pois é uma carta escrita para uma criança de onze anos.

Cada carta abordará, portanto, uma especificidade da trajetória de formação e profissão, procurando associar tal trajetória com a linha de pesquisa de atuação.

Primeira carta: trajetória de vida, profissão e a Educação Ambiental

Feira de Santana, outono de 2019.

Prezado Elizeu¹, boa noite!

¹ Professor Dr. Elizeu Clementino de Souza, que foi integrante da banca examinadora.

Escrevo esta carta, pois quero compartilhar contigo os tra(n)çados de minhas experiências de vida e profissionalização, e, para isso, escolhi falar de Educação Ambiental, já que esse tema aglutina também a minha experiência de formação, pois envolve o mestrado, doutorado e profissionalização, com minhas pesquisas e atuação como coordenador do Grupo de Trabalho (GT) de Educação Ambiental da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), o que você acompanhou de perto.

Começando pelo começo. Mas onde é o começo? Será que para falar de Educação Ambiental é preciso ter um começo? Um fim? Essas perguntas me lembraram do prefácio da Christine Delory-Momberger (2012), cuja epígrafe foi “De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?”, quando se remeteu à tela do Gauguí. Aqui, tais questionamentos ressoam como um emaranhado de fios que fui tecendo, sem começo, nem fim, talvez como um rizoma. Será?

Será que meu contato com os elementos da natureza já contam para o início? Se for assim, tenho que dar créditos ao quintal da casa onde morei, na rua cujo nome é Bela Vista e que fica num bairro chamado nada mais nada menos que “Ecologia”, lá na cidade de Seropédica, cujo significado está relacionado com a cultura do bicho-da-seda, a qual era distrito de Itaguaí, que significa “rio da enseada da pedra”. Veja, Elizeu, o quanto a natureza está impregnada na minha vida.

Não fui um menino de ficar muito tempo brincando na rua. O quintal da minha casa tinha quatro mangueiras, um abacateiro, um pé de fruta-do-conde, um limoeiro e uma goiabeira (mas não vi Jesus por lá!). Convivi em um bairro pequeno, em que todos(as) se conheciam e formavam, na verdade, uma rede de solidariedade; isso que nós prezamos tanto para o mundo em que vivemos atualmente e que até estamos vendo mais na Educação Ambiental. Há alguns dias, o Mauro Guimarães, acho que você o conhece, pois já foi coordenador do GT 22 da ANPEd, estava falando sobre isso em um grupo de zap de que participo e que tem pessoas envolvidas com Educação Ambiental.

Por isso que gosto de trabalhar com as memórias (auto)biográficas, e tenho me aproximado delas, trazendo também essa proposta para apresentar para a banca de promoção para professor pleno, por intermédio da carta: é que, para mim, a memória não é apenas reminiscência, coleção de fatos da história cronológica. Enquanto escrevo esta carta para você, lembro-me da minha infância; ao mesmo tempo, aparecem em minha mente imagens do meu tempo de

estudante universitário do curso de Biologia na Rural do Rio; e, ao mesmo tempo, no momento em que escrevo esta carta, estou vivendo os cem dias de um país cujo ministro do meio ambiente desconhece a vida e luta de Chico Mendes, e que também não se importa com tal informação.

Bom, procurando fazer jus à minha intenção de relatar sobre a pesquisa e ações extensionistas do grupo que coordeno (RIZOMA) de maneira insubordinada, escreverei esta carta de maneira desestruturada, sem levar em conta uma ordem cronológica dos fatos, mesmo porque, como já mencionei, essa memória organizada em etapas não faz parte do meu modo de encarar o registro memorístico. Nesse caso, prefiro seguir as ideias do poeta pantaneiro Manoel de Barros (2016, p. 11) e desinventar: “é preciso desinventar os objetos, por exemplo, é preciso dar ao pente a função de não pentear, até que ele fique à disposição de ser begônia ou uma gravanha”.

Por isso, quero começar falando de Educação Ambiental pelo fim da história: aquela que ainda está acontecendo, pois é por essa via que poderei compartilhar contigo, Elizeu, como me encontro, no que venho pensando e atuando, seja como professor, pesquisador, extensionista, pai, cidadão, gente.

Como você bem sabe, desde o final de 2016, estamos vivendo um momento muito estranho, nebuloso, aqui no Brasil, quando tivemos o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, seguido do golpe do governo Temer, e, para piorar, nos meados do ano passado, começamos a observar o crescimento vertiginoso de um candidato da extrema direita, que acabou sendo eleito.

Hoje, escrevendo esta carta, completam-se cem dias da posse do presidente e quanta coisa negativa já foi posta em prática. Apenas para citar uma que atinge todos(as) trabalhadores(as): a ameaça referente à reforma da previdência. Especificamente em relação ao meio ambiente, tivemos a nomeação e posse de um ministro que fez a tal declaração sobre Chico Mendes, conforme te falei, e que, além disso, extinguiu o Departamento de Educação Ambiental, um órgão muito importante no Ministério do Meio Ambiente, que fazia uma estreita parceria com a Coordenação Geral de Educação Ambiental do Ministério da Educação. Ambos foram extintos por decreto presidencial e o que sobrou foi apenas uma Secretaria de Ecoturismo no Ministério do Meio Ambiente.

Logo houve uma reação da comunidade acadêmica, e o GT de Educação Ambiental da ANPEd, liderado por mim, Fátima, Michèle, Mauro, Angélica, Celso e Phillipe, e mais 294

signatários, escreveu um Manifesto (endereçado ao presidente da República, ministros do Meio Ambiente e da Educação, sociedade brasileira e comunidade internacional) (OBSERVARE, 2019). Tal documento foi protocolado no Ministério do Meio Ambiente na véspera do meu aniversário, 14 de janeiro.

No dia 25 de janeiro, uma tragédia ambiental em Brumadinho, Minas Gerais: mais uma vez, não foi desastre ou acidente, mas um crime socioambiental, e, novamente, a sociedade civil, pesquisadores(as), Organização Não-Governamental (ONG), ambientalistas, ativistas se manifestaram contra essa barbárie que aconteceu em mais uma cidade mineira vítima da empresa Vale S.A. Há de se repensar e procurar ter uma rigorosa fiscalização para que tragédias como essa não voltem a ocorrer.

Pois é, Elizeu, acabei trazendo para esta carta notícias ambientais que você já conhece, mas o propósito de te escrever começando por esses episódios foi para relacioná-los com a luta, a militância ambiental que ocorreu lá atrás, nos anos 80, quando eu era um jovem que frequentava a igreja católica e já estudava textos da Teologia da Libertação, da Pastoral da Terra, e com a minha participação na pastoral universitária, em que Frei Beto e Leonardo Boff eram minhas primeiras referências socioambientais.

No curso de Biologia, quando entrei para a universidade em 1985, o Brasil reinaugurava um período democrático e novas lutas surgiam e outras eram renovadas: minha participação no movimento estudantil; o acompanhamento do surgimento do MST; a aproximação com estudantes, em sua maioria, de Agronomia e a luta contra a UDR; o apoio ao ambientalista Chico Mendes, que, na naquela época, era um contundente crítico à UDR; bem como o apoio ao sociólogo Herbert de Sousa, o Betinho, que, para mim, era uma grande referência de humanidade, sobretudo por sua dedicação ao “Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida”.

Nesse meio-tempo, iniciei e me aprofundei em leituras de Paulo Freire, que foram cruciais para minha formação política e educativa, e confesso a você que tudo isso contribuiu significativamente para minha formação humana, formação cidadã e de gente, e isso, Elizeu, é Educação Ambiental, não é mesmo? Por esse ângulo, posso te afirmar que o que eu imaginava que teria sido a minha aproximação com a Educação Ambiental apenas no final dos anos noventa, com minha entrada no mestrado em Educação na UFF, não é verdadeiro. Veja como as

lembranças que dispararam no momento em que escrevo esta carta de uma forma (auto)biográfica me mostram que sou um educador ambiental há muito tempo.

Entre 1998 e 2000, pude viver minha identidade de ser professor de maneiras diferentes: era o professor da escola da periferia, professor universitário e estudante do mestrado em Educação.

No final da mesma década, o governo federal brasileiro, por meio do Ministério da Educação, lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que, dentre vários objetivos, anunciavam o meio ambiente como um tema transversal, capaz de ser abordado nas diferentes disciplinas do currículo do Ensino Fundamental.

No ano de 1999 foi publicada a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), a Lei 9.795/99 (BRASIL, 1999), que trazia um avanço para o campo da Educação Ambiental, e que, em 2019, está completando duas décadas. É essa mesma Lei que, no manifesto enviado aos atuais presidente da República e ministros da Educação e Meio Ambiente, queremos que continue sendo primada, continue sendo nossa referência básica para a Educação Ambiental.

Como professor de Ciências e Biologia da Educação Básica e após quase dez anos somente atuando na sala de aula, me interessei por realizar uma pesquisa no mestrado que tratasse sobre a Educação Ambiental no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas; portanto, era necessário lidar, especificamente, com a formação de professores e professoras e o currículo de um curso de Ensino Superior.

Ainda no final da década de 1990 e finalização do século XX, a efervescência da discussão de uma educação globalizada e neoliberal era potente e a teoria crítica ajudava-nos a pensar alternativas/mecanismos que pudessem contrapor uma educação tradicional e tecnicista.

O pensamento freireano foi muito importante, sobretudo no que foi materializado em suas obras, como “Pedagogia do Oprimido”, “Pedagogia da Esperança” e “Pedagogia da Autonomia”, referências básicas para minha inspiração, além de *vários pesquisadores* da Educação Ambiental que também seguiam a corrente da teoria crítica, dentre eles(as): Mauro Guimarães; Isabel Carvalho; Carlos Frederico Loureiro; Marcos Sorrentino e Philippe Layrargues, que balizaram as análises realizadas em minha dissertação.

O ano de 2000, início de um novo século e milênio, foi importante para desenhar uma nova identidade: a de ser professor universitário, agora, efetivo. A experiência acumulada como

professor substituto da mesma universidade em que me formei como professor de Biologia e realizei a pesquisa de mestrado foi crucial para minha decisão de fazer concurso e atuar na docência universitária, ou, como nos mostra Antonio Nóvoa (2015, p. 15): “os percursos pessoais e profissionais são momentos em que cada um produz a ‘sua’ vida, o que no caso do professor é também produzir a ‘sua’ profissão”.

Nesse mesmo ano, eu acumulava a experiência de sete anos como professor da Educação Básica e dois do Ensino Superior, e esse amálgama entre dois níveis do ensino (Educação Básica e Ensino Superior) me permitiu alçar novos voos: agora eu desejava ser formador de professores(as).

A realização do concurso para uma universidade pública em um estado diferente daquele em que eu vivia foi algo desafiador na minha história de vida. O interesse em experimentar “a dor e a delícia” em uma nova experiência profissional permitiu-me ser (ou tornar-me mais ainda) uma “metamorfose ambulante”. A aprovação no concurso de Didática Geral na UEFS foi (mais) um divisor de águas na minha vida, tanto de formação, quanto profissional. Foi uma formação que me tornou professor de Biologia e mestre em Educação, além da formação como cidadão, como gente.

E aí, Elizeu, paralelamente, também me envolvi com duas associações científicas: a Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBIO) e a ANPED. Na primeira, fui diretor da regional nordeste por um período de dois anos e presidente durante quatro anos, referentes a duas gestões. Na segunda, participei (participo) do GT 22 – Educação Ambiental, como parecerista *ad hoc*, vice-coordenador, e agora, desde 2015, por duas gestões, estou coordenador. Essa foi/tem sido uma experiência muito significativa, pois tive/tenho contato com diversos profissionais, que pesquisam diferentes temas e, mais ainda, que lidam cotidianamente com a política científica brasileira, operando com jogos de poder institucionais.

Recentemente, com a consolidação do RIZOMA, as primeiras dissertações defendidas e também com as pesquisas de doutorado sob minha orientação, pude perceber que havia a necessidade de buscar mais alguns(mas) teóricos(as) para inspirar nossas reflexões e análises, e, desse modo, buscamos a companhia de Michel de Certeau, sobretudo naquilo em que temos investido, que é o currículo cotidiano da escola, além da perspectiva de(s)colonial, com as contribuições do Boaventura de Sousa Santos, que vem contribuindo efetivamente para uma

ruptura epistemológica da modernidade, fazendo-nos pensar e apostar na epistemologia do sul, na ecologia de saberes e nas sociologias das ausências e emergências.

No que diz respeito à educação ambiental e ensino de Biologia, é importante destacar e te falar sobre o salto qualitativo para o debate socioambiental e cultural que temos debatido no grupo de pesquisa e aulas no curso de Biologia, pois temas/conteúdos como biodiversidade, alimentação saudável, agroecologia, transgênico, rotação de cultura, agrotóxico, plantas medicinais, sementes crioulas, água, saneamento básico, saúde ambiental são apenas alguns dentre os que merecem destaque para serem ensinados nas escolas, o que proponho nas aulas “ambientais” das disciplinas de Estágio Supervisionado em Ensino de Ciências e Biologia, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e aos(às) estudantes que desejam fazer Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com temas que envolvem questões ambientais.

Tanto a ANPED quanto a SBEnBIO, que já citei nessa carta, foram protagonistas, junto a outras associações científicas, enquanto contrárias à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e à Escola sem Partido. Nós, na universidade e na escola, nas palestras ou bancas de que somos convidadxs a participar, temos que, politicamente, apresentar uma crítica contundente a tudo isso.

Querido Elizeu, sou otimista por natureza, e é com Paulo Freire que tenho exercitado a Pedagogia da Esperança. Sou pai de um menino de dez anos e, por ele, quero contribuir para um viver melhor. As crianças e os jovens estão cobrando de nós, adultos, um futuro melhor e sustentável, e nós temos o compromisso ético e político de atender a esse pedido.

Um abraço, com afeto,
Marquinho.

Segunda carta: ao filho de 11 anos

Feira de Santana, outono de 2019.

Querido filho, bom dia!

Fui convidado para participar de uma mesa-redonda cujo título é: “A questão Ambiental e a Universidade Pública: práticas em debate” e para a apresentação resolvi fazê-la em formato de carta, assim como fiz para minha promoção aqui na UEFS e que teve você também como destinatário.

Quero te dizer que o tema proposto para eu conversar aqui hoje, nessa tarde da quinta-feira de Oxóssi, foi desestabilizador para mim, pois como você já sabe, mesmo com seus apenas 11 anos, que o Brasil passa por momento muito nebuloso em vários fatores, mas que vou me deter apenas em tratar sobre a questão ambiental e a universidade, conforme foi solicitado.

É preciso saber, Othon, que desde 1985, quando eu entrei na universidade para estudar Biologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, eu me envolvi com o movimento estudantil e isso foi muito importante para minha formação política progressista, de esquerda, num momento crucial da redemocratização do País.

Naquela ocasião a esperança renascia, o movimento ambientalista aparecia com força; os ecologistas voltavam de seus exílios. Naquela época a universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada era a nossa bandeira de luta e a favor dela fomos várias vezes para as ruas, para defendê-la e gritarmos um não às ameaças à privatização que batiam em nossas portas.

A década de 80 foi marcada pela presença fundamental de três pessoas em minha vida e que me inspiravam para pensar um curso de Biologia menos asséptico, que se dizia “neutro” e, desse modo, as leituras e ações das práticas cotidianas na universidade foram providas a partir de Paulo Freire, Chico Mendes e Betinho, que hoje não estão mais entre nós, mas deixaram um legado para continuarmos na luta e esperança, para resistirmos sempre e, se formos trazer essa pauta para o quadro atual em que estamos vivendo, eu diria: precisamos manter a esperança para reexistirmos ou como disse um dia desses o Celso Sanchez: “*a contra-hegemonia se dá pelo afeto*”.

Posso te dizer que esses três personagens formaram minha base política para a questão ambiental e de universidade, como é proposto o título dessa mesa redonda aqui no evento da Equipe de Educação Ambiental (EEA).

Me formei, atuei na educação básica, ensinando nas escolas de bairro periférico e da zona rural no Rio de Janeiro. Sempre tendo esse trio como inspiração para minhas aulas de Ciências e Biologia. Depois de um tempo, vivendo integralmente no cotidiano da escola, resolvi fazer mestrado em Educação e fui aprovado em uma seleção para professor substituto na Universidade Rural, e lá realizei minha pesquisa sobre a questão ambiental no curso de Biologia dessa mesma universidade e nela também tive minha primeira experiência de ser professor na universidade.

Em 2001 fui empossado para ser professor da UEFS e com a experiência que trouxe do Rio de Janeiro, logo me engajei no curso de Especialização de Educação Ambiental e Sustentabilidade aqui na EEA-UEFS. Em pouco tempo pude entrar em contato mais de perto com a realidade ambiental baiana, por meio das pesquisas desenvolvidas pelos estudantes.

Com todas as dificuldades sempre encontradas desde 1985, da redemocratização do País, esse é o pior momento que a educação pública, as universidades e os projetos ambientais estão atravessando. Do ponto de vista do ensino nas universidades, eu, que trabalho com o curso que forma futuros(as) professores(as) de Biologia, vejo o que está acontecendo com as pautas ambientais que incluem as comunidades tradicionais, sobretudo as indígenas, quilombolas e caiçaras, os povos da água e da floresta. Onde esse povo aparece no livro didático? O pouco que tem será, em breve, retirado, pois a BNCC (im)posta não enfatiza (aliás, não inclui) esses conteúdos.

Como contemplar temas ambientais com o referencial freireano se temos um movimento denominado “Escola Sem Partido”, cujo princípio é acabar com a autonomia da escola e de professor(a), não permitindo que se aborde política na sala de aula e, ao mesmo tempo, isto está posto também na universidade?

Mas não podemos desistir. Penso que, coletivamente, precisamos contribuir para ensinar a ecologia de saberes, proposto por Boaventura de Sousa Santos (2010); incentivar a curricularização das escolas daqueles e daquelas que vêm das margens, quilombolas, indígenas, das pessoas jovens e adultas do campo, da cidade ou da periferia, além de uma efetiva curricularização ambiental nos diferentes cursos da universidade.

Querido filho, essa tem sido a minha “militância” nesses anos de vida profissional na escola básica, na universidade, nos fóruns acadêmicos, congressos e associações científicas. Não dá mais para a Biologia, que é minha formação inicial, encarar a Educação Ambiental de maneira romantizada, em que apenas os aspectos naturais, da fauna e flora são contemplados. É preciso não confundir Ecologia e Educação Ambiental; ensino de Botânica ou Zoologia e Educação Ambiental, como está na BNCC.

É preciso, Othon, ensinar nas escolas e na universidade que o que aconteceu em Mariana e Brumadinho não foi acidente, foi crime ambiental; que a demarcação de terras indígenas e quilombolas não é conteúdo somente da alçada da geografia, mas é também da biologia, da

sociologia, da matemática, das artes e outras disciplinas; e que, juntos(as), podemos criar, inventar um trabalho que podemos definir como interdisciplinar.

É preciso ensinar que há alternativas; é preciso esperar! Reconhecemos que, mesmo com uma pedagogia do oprimido, há também uma pedagogia da esperança. Há de se ensinar sobre agroecologia e lutarmos para a permanência dos cursos desse tema, como ocorre nos institutos federais que foram criados, em sua maior parte, a partir de 2003.

É preciso resistência para reexistir, mesmo! Othon, com oito meses de governo, foram liberados em 2019, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento 57 produtos elaborados com agrotóxicos! O Ministério do Meio Ambiente quase foi extinto; a Educação Ambiental foi parar no Ministério do Turismo! A Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) foi desmantelada e, com ela, foram embora todas as políticas públicas de caráter social, de inclusão, da juventude negra, indígena, do povo do campo, das florestas, das águas, LGBTIQ+ que, direta ou indiretamente, estão associados ao meio ambiente, à educação e às universidades.

Lembro-me de um título que nomeia uma entrevista da Marisa Vorraber Costa (2003) com o Antonio Flávio Moreira, que foi: “a escola poderia avançar um pouco no sentido de melhorar a dor de tanta gente”. Oh, Othon! Quando li essa frase, muita coisa veio à minha cabeça. Não dá para fingir que está tudo bem ou que está tudo normal, ou, à la Brecht: “nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar”.

Faço uma adaptação e digo que a universidade também precisa melhorar a dor de tanta gente, mas o pior tem acontecido com a universidade pública nos últimos meses. Não é apenas uma ameaça, como aquela dos anos 80 e 90, mas já é fato. Na verdade, há um aniquilamento da universidade pública, aquela que na última década conseguiu conquistar, com a força dos movimentos sociais, permitir que ela mudasse de cor. A universidade pública é negra e diversa em etnia e classe.

Quero concluir esta carta citando o frei, ambientalista, humanista Leonardo Boff, quando disse: “construímos o nosso mundo a partir dos laços afetivos. Sentimos responsabilidade pelos laços que nasceram. Não habitamos o mundo somente através do trabalho, mas fundamentalmente através do cuidado e da amorosidade. É aqui que aparece o humano do ser humano” (BOFF, 2014, p. 28).

Cito Leonardo Boff (2014) porque sou otimista por natureza e é com Paulo Freire que continuo exercitando a Pedagogia da Esperança. Sou seu pai e por você quero contribuir para um viver melhor. As crianças e os jovens estão cobrando de nós, adultos, um futuro melhor e sustentável, e nós temos o compromisso ético e político de atender a esse pedido.

Viva Paulo Freire! Viva Chico Mendes! Viva a universidade pública ambientalmente sustentável!

Tentando concluir com um bilhete

O artigo apresentou minha trajetória de vida e profissional por meio das cartas, um dispositivo que considero importante como possibilidade de criação/invenção e que pode ser desenvolvida nas pesquisas no campo da Educação. Estes dispositivos epistolares têm sido utilizados por mim, seja nas pesquisas, nas aulas, como atividades para que estudantes de Licenciatura, no início da disciplina, possam registrar suas memórias formativas na educação básica e ensino superior, além de serem importantes para o relato de suas experiências no estágio docente no cotidiano das escolas. Nesse caso, rompe-se com a ideia do tradicional (e saturado) relatório da disciplina, com registros factuais do que aconteceu e passa a ser daquilo que o(a) estudante vivenciou, das dores e delícias do Estágio e mais: ao falar de si, o(a) licenciando(a) escolhe quem será o(a) destinatário, não sendo apenas o(a) professor(a), que lerá e atribuirá uma nota, mas a carta pode ser endereçada para que o(a) remetente quiser: para o filho, para a mãe, o pai, a professora da escola; o estudante da escola onde o Estágio foi realizado. A carta pode ser para o futuro, sem sujeito, só para o futuro.

Nas duas cartas, procurei mostrar quem sou, pessoal e profissionalmente, com destaque ao meu interesse pela Educação Ambiental, pois “as cartas, em última instância, parecem apresentar frestas que deixam entrever a dinâmica da vida das pessoas, sob diferentes nuances: pessoais, profissionais, sociais, por exemplo” (RIBEIRO; SOUZA, 2010, p. 94).

Referências

- BARROS, Manoel. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 9.795/99, de 27 de abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental. **Diário Oficial da União**, Brasília, 27 abr. 1999.

BUJES, Maria Isabel E. Descaminhos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 13-34.

COSTA, Marisa Vorraber. **A escola tem futuro?**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DELORY- MOMBARGER, Christine. De onde viemos? O que somos? Para onde vamos? *In*: SOUZA, Elizeu Clementino; BRAGANÇA, I. F. (orgs.). **Memória, dimensões sócio-históricas e trajetórias de vida**. Porto Alegre, Natal, Salvador: EDIPUCRS; EDUFRN; EDUNEB, 2012. p. 10-19.

FERNANDES, Filipe Santos. Formação de Professores de Matemática em Licenciaturas em Educação do Campo: entre cartas, epistemologias e currículos. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 33, n. 63. p. 27-44, 2019.

LEANDRO, Everaldo Gomes; VASCONCELOS, Livia de Oliveira. Uma carta para mim mesma três anos atrás: um olhar para o PNAIC a partir das narrativas de professoras. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 4, n. 11, p. 680-698, maio/ago. 2019.

LINHAS DE LUTA. Cartas ao presidente Lula. 2019. Disponível em: <http://www.linhasdeluta.org/index.php#overview>. Acesso em: 29 jan. 2019.

MEYER, Dagmar E. Meyer; PARAÍSO, Marlucey Alves (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

NÓVOA, Antonio. Carta a um jovem investigador em educação. **Investigar em Educação**, Porto, Portugal, n. 3, p. 13-22, 2ª série, 2015.

OBSERVARE. Observatório da Educação Ambiental. Manifesto da educação ambiental. 2019. Disponível em: <https://observatorioea.blogspot.com/2019/01/manifesto-da-educacao-ambiental.html>. Acesso em: 21 fev. 2019.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Narrativas**: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis: DP et Alii, 2010.

PARAÍSO, Marlucey Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. *In*: MEYER, Dagmar E. Meyer; PARAÍSO, Marlucey Alves. (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.

RIBEIRO, Neurilene Martins; SOUZA, Elizeu Clementino. As cartas e as histórias de vida: dilemas e aprendizagens da docência em língua portuguesa. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). **Narrativas**: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis: DP et Alii, 2010. p. 79-95.

SANTOS. Boaventura de Sousa. Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS. Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23-72.

SILVA, John Erlinton S. **Cartas para ti**: as identidades de gênero e sexualidade nas escritas-narrativas de Licenciandos(as) em Biologia. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

SILVA, Jonson Ney Dias. **Diálogos e tecnologias digitais em uma sala de aula de educação matemática de jovens e adultos**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, 2018. (Texto de Qualificação).

SOLIGO, Rosaura. Venho por meio desta... *In*: PRADO, Guilherme Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. (orgs.). **Porque escrever é fazer história**. Campinas: Graf, 2005. p. 343-384.

SOUZA, Elizeu Clementino. Escritas, narrativas e doenças crônicas: cartas e processos de biografização. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina. (org.). **A ilusão do leitor**: cartas, imprensa e educação. Curitiba: CRV, 2018. p. 99-119.

VELOSO, Caetano. **Dom de iludir**. Rio de Janeiro: Philips, 1986. LP.

VILAS BOAS, Fabíola Silva de Oliveira. **A constituição do professor leitor**: história de leituras na formação inicial de professores de língua portuguesa. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.